XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS COM CRIANÇAS PEQUENAS: A AFETIVIDADE SOB A ÓTICA DAS EXPERIÊNCIAS NO PIBID/UEL

Karine Veres Faria -
UEL – karine.veres@gmail.com;
Lilian Caroline Machado -
UEL - lilian_caroline_machado@hotmail.com;
Marta Regina Furlan de Oliveira -
UEL - mfurlan.uel@gmail.com

Eixo 1: Educação e Infância

Resumo
Esse artigo pauta-se nas observações e experiências vividas durante um período de desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2019 em consonância com a participação do Grupo de Estudos em Educação, Infância e Teoria Crítica da Universidade Estadual de Londrina. Tem como objetivo principal: analisar duas das atividades pedagógicas que foram desenvolvidas a partir do Pibid e, refletir como a mediação da afetividade favorece no processo de aprendizagem da criança e na relação professor-criança e criança-criança. A metodologia é de cunho teórico com leituras críticas sobre a formação inicial de professores e relato de experiência: observação participante, planejamento, elaboração de jogos e materiais pedagógicos, implementação, bem como análise do trabalho pedagógico desenvolvido e os resultados obtidos a partir de estudos e observações.

Palavras-chave: Educação infantil; Afetividade; Aprendizagem.

Introdução

Pautando-se nas observações e experiências vividas durante um período de desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2019 em consonância com a participação do Grupo de Estudos em Educação, Infância e Teoria Crítica da Universidade Estadual de Londrina, surgiu o interesse em investigar como a afetividade mediada pelo professor de educação infantil em sala de aula interfere nas atividades aplicadas às crianças.

Desde o nascimento a criança lida com a afetividade. Ela é afetada tanto modo externo - objetos que lhe são oferecidos, toques,

informações novas a todo instante, como interno - medo, alegria, tristeza - e produz resposta para todos estes estímulos. Dentro da sala de aula, encontra-se algumas vezes educadores descontrolados, raivosos e autoritários, exigindo de seus alunos silêncio e uma conduta de respeito que não é recíproca resultando respostas negativas em todas ou quase todas suas intervenções pedagógicas.

Nesse sentido, a questão norteadora é: Como a afetividade pode ser trabalhada pelos professores em concomitância com suas intervenções pedagógicas e quais os resultados que suas posturas podem produzir? E ao longo de toda discussão será discorrido sobre os possíveis resultados encontrados.

Esse texto será organizado da seguinte forma: no primeiro momento trataremos sobre a importância de um projeto de extensão, no caso o Pibid, dentro de um curso de licenciatura para a formação de professores. Posteriormente discorreremos sobre três das treze atividades aplicadas durante o Pibid desde o início do ano de 2019, a relação construída com as crianças e como a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem.

Esse artigo tem como objetivo principal: analisar duas das atividades pedagógicas que foram desenvolvidas a partir do Pibid e, refletir como a mediação da afetividade favorece no processo de aprendizagem da criança e na relação professor-criança e criança-criança.

A metodologia é de cunho teórico com leituras críticas sobre a formação inicial de professores e relato de experiência: observação participante, participação durante as propostas de planejamento, elaboração de jogos e materiais pedagógicos, implementação e, a participação das crianças nas propostas, bem como análise do trabalho pedagógico desenvolvido e os resultados obtidos a partir de estudos e observações.

Referencial Teórico

Na tentativa de saciar as inquietações que surgiram, buscamos metodologicamente refletir a respeito das ideias de Henri Wallon (1869-1962) em sintonia com outros autores que dialogam com essa perspectiva teórica e,

ainda, relato de observações e vivências da realidade a partir de intervenções pedagógicas desenvolvidas com uma turma de crianças pequenas de um centro de educação infantil público do município de Londrina, Paraná sob a ótica do Pibid/Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

Esse texto será organizado da seguinte forma: no primeiro momento trataremos sobre a importância de um projeto de extensão, no caso o Pibid, dentro de um curso de licenciatura para a formação de professores. Posteriormente discorreremos sobre três das treze atividades aplicadas durante o Pibid desde o início do ano de 2019, a relação construída com as crianças e como a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem.

A importância do Programa Pibid para a formação inicial de professores

Sabe-se que os três eixos principais da universidade são: ensino, pesquisa e extensão. Segundo o autor Severino (1941) o aluno ao ingressar em uma universidade depara-se com um cenário muito diferente do encontrado na etapa anterior de sua vida acadêmica - educação básica. Enquanto na educação básica e em especial, ensino médio, o aluno recebe tudo pronto de seu professor e o ele precisava fazer era apenas estudar para as provas a partir do conteúdo dado pelo professor em sala de aula.

Já os resultados obtidos ao final de seu processo de formação dentro da Universidade dependerá essencialmente dele levando em conta que a mesma exige do estudante o desenvolvimento de uma certa autonomia não estimulada no ensino médio, não devendo ficar dependente apenas do conteúdo ministrado e disponibilizado em sala de aula mas buscando por outros meios elevar seus conhecimentos científicos pesquisando, lendo e produzindo textos baseados em suas aprendizagens para disseminar e possibilitar que outros tenham acesso às suas pesquisas e que elas possam ser úteis para a comunidade científica a qual ele faz parte.

Até o momento vimos brevemente a relevância do ensino e a necessidade da pesquisa na universidade a extensão não pode ser descartada desta tríade, pois como Severino (1941) pontua, o trabalho de campo possibilita ao sujeito analisar, vivenciar e observar o que está estudando. Ou

seja, o aluno vai para a universidade em busca de subsídios teóricos que possam embasar suas práticas, apropriando-se de todo conhecimento científico disponibilizado a ele até o momento torna-se capaz de ir a campo, vivenciar a realidade social por ele estudada e depois retornar para a sala de aula com tudo o que ele obteve a partir de suas experiências para que possa validar suas pesquisas.

Entende-se então que a universidade deve estar promovendo constante diálogo entre a teoria e a prática principalmente em cursos de formação docente pois, o estudante, em seu processo de aprendizado, aproveitando tudo o que o professor enquanto mediador do conhecimento tem para oferecer, possa mediante um projeto de extensão como o Pibid, observar como tem funcionado a sua realidade social e contribuir para a sua comunidade com intervenções, falas, e atitudes que promovam o exercício da teoria.

O sujeito enquanto estudante de um curso de Pedagogia, no qual está em processo de formação docente, precisa ter a vivência real de tudo aquilo que está tendo acesso enquanto teoria para que venha fazer sentido no seu processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se que durante o curso os alunos têm experiências de campo quase que em sua totalidade somente durante os estágios obrigatórios que acontecem por volta do quinto ou sexto semestre e por ser de mais observação e menos prática.

O aluno em seu curto tempo de estágio tem pouca experiência para colocar em prática muitas coisas das quais ele viu até o momento durante suas aulas e pesquisas particulares. E o Pibid como programa de iniciação a docência oportuniza ao aluno, ainda em processo de formação, adquirir uma base teórica por meio dos encontros, grupos de estudos, eventos e pesquisas individuais para que ao chegar ao campo onde a prática dessas teorias acontecem, tenha subsídios suficientes para dar embasamento em suas ações, falas e que seu trabalho tenha sempre sua intencionalidade alcançada e assim estar sempre fazendo o diálogo entre a teoria e a práxis[1].

---

[1] Ação transformadora humana. Conceito discutido por Karl Marx em sua obra “O Capital”. MARX, Karl. O Capital. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

Análise de duas intervenções realizadas com as crianças durante o Pibid

Compreendendo a importância dos fundamentos teóricos aprendidos durante o processo de formação ser utilizado para pautar as ações do professor, depois de algumas observações feitas na sala de Educação Infantil 5, a professora regente da turma deu a oportunidade para que os alunos pibidianos fizessem algumas intervenções com as crianças a fim de aplicar os conteúdos aprendidos em sala e ao decorrer das atividades podemos também mostrar o que sabíamos de novo e que poderia acrescentar no trabalho já realizado com as crianças.

Dentro da sala de aula o processo de ensino-aprendizagem se dá principalmente por meio da relação aluno e professor e partindo do pressuposto que a escola é formada por pessoas diferentes e em especial encontra-se inúmeros alunos, cada um com suas especificidades, o professor precisa ter ser olhar atento às necessidades de cada criança para que aquilo que se espera ensinar possa alcançar um resultado positivo ao final de sua aplicação.

Observando que as crianças ficavam a maior parte do tempo sentadas em suas cadeiras e raramente alguma atividade acontecia fora deste contexto, resolveu-se então levar as crianças para o chão e dar voz ao que elas gostariam de falar, pois, partindo da teoria de Henri Wallon que defende que o desenvolvimento da pessoa se dá a partir de fenômenos orgânicos e socioculturais, ou seja, se dá por meio da interação do ser com ela mesma e com o meio, é extremamente necessário e importante para seu desenvolvimento integral que as crianças tenham a oportunidade de falar e serem ouvidas e trabalhar isso em todas as etapas de sua vida.

Em um mundo em que a criança, apesar de ser reconhecida legalmente como portadora de direitos por meio da Convenção sobre os Direito da Criança adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, muitas vezes é submetida a ações de adultos que impõem suas vontades sobre as mesmas sem se importar com o bem estar da criança ou com o que ela pensa sobre o que está ocorrendo em sua volta, agindo com

violência psicológica, verbal e até mesmo física, não sendo gentis e não respeitando as crianças.

Assim sendo, o professor com papel fundamental no desenvolvimento da criança e o adulto que em grande parte dos casos passa o maior tempo com as crianças, deve conversar com as crianças sobre seus direitos e fazer com que eles sejam efetivados a partir de suas práticas pedagógicas como por exemplo convidando a criança a participar das escolhas que envolvem uma atividade, exercendo a democracia.

Para tanto, a primeira intervenção escolhida a ser analisada no presente texto foi relacionada à um curso no qual tivemos a oportunidade de participar devido ao trabalho desenvolvido no Pibid chamado “Reciclar e Criar Brinquedos para Educar Brincando”, organizado pelo projeto de extensão “Educação Ambiental e Infância: reflexões e ações a partir de jogos e brinquedos confeccionados com material reciclável” do curso de Psicologia da UEL. A participação no curso deu a oportunidade de olhar para os materiais reciclados buscando ideias para utilizá-lo com fim pedagógico e o Pibid possibilitou a elaboração e aplicação de um desses jogos com as crianças.

O jogo escolhido foi o “O que é?”. Nele seria trabalhado os cinco sentidos com as crianças. É um jogo composto por tabuleiro, fichas, caixas tato e potes de cheiro podendo ser jogado de três formas distintas. A maneira adotada para aplicar a atividade foi a de que as crianças deveriam descobrir os objetos e alimentos por meio dos cinco sentidos e para essa aplicação seria necessário a caixa tato, objetos para as crianças explorarem o sentido referido, sons diferentes, e alimentos para tentarem descobrir qual era a partir do paladar.

A aula foi iniciada trabalhando com a memória das crianças relembrando uma aula ministrada anteriormente em que foi desenvolvido com a turma uma atividade referente aos cinco sentidos. Relembramos o que eram os sentidos, seus respectivos nomes e funções. Após isso iniciamos o jogo. A turma foi dividida em dois grupos. Cada criança deveria se deslocar até a mesa localizada no centro da sala, pegar uma ficha e voltar para o seu lugar. Depois juntos escolhemos qual sentido começaria o jogo.

Entendendo que para o aluno obter sucesso em sua aprendizagem é essencial que o professor mostre acreditar em seu potencial e compreenda seu papel no desenvolvimento da criança, os elementos escolhidos para compor o jogo, principalmente no sentido olfato, foram cravos, canela, café e mel. Itens que, para um adulto, talvez seja fácil de se descobrir mas para as crianças não é algo que estão sempre em contato e provocaria conflitos internos a fim de que pudessem relacionar o cheiro com algum outro já sentido anteriormente, tentando descobrir.

Acreditamos no potencial das crianças em descobrir cada uma em seu tempo, quais eram esses elementos, porém, não deixamos de levar em conta a possibilidade de não saberem o que era e assim podermos ensinar o nome e a especificidade de cada coisa tendo a certeza de que estaríamos trabalhando para elevar o nível cultural das crianças através do conhecimento das especiarias citadas anteriormente.

Para Wallon (2007), existem cinco estágios de desenvolvimento que são divididos por idade, não por delimitar o que cada criança sabe ou pode saber pois entende que o desenvolvimento humano depende muito de seu contexto social e é um processo descontínuo feito de retrocessos e avanços. Para isso Wallon, em sua obra *"A evolução psicológica da criança"* afirma:

> Estas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio! (WALLON, 1995, p. 210)

E, levando em consideração que as crianças com as quais as atividades foram desenvolvidas durante o Pibid estão no estágio três que é denominado de personalismo, entendendo que nessa fase a criança começa a se descobrir como diferente dos sujeitos que a cercam, tanto das outras crianças como dos adultos pensamos em uma segunda atividade que

despertasse todos esses pontos nas crianças. A respeito do estágio *personalismo* Galvão (1995) afirma que este estágio:

> que cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retomo da predominância das relações afetivas (Galvão, 1995, p.30).

Mahoney e Almeida (2005) entendem essa diferenciação que ocorre durante o estágio mencionado anteriormente, o professor em seu planejamento, precisa pensar em atividades para que ao decorrer de seu processo de ensino-aprendizagem possam oferecer às crianças diferentes possibilidades a fim de que elas tenham o poder de escolha e fazer o que mais lhe agrada.

No estágio do Personalismo, assim como nas outras fases, a afetividade é muito importante, porém, no estágio citado, ela deve estar constantemente presente em todas as intervenções do professor. É extremamente fundamental que a criança se sinta acolhida e que seja vista como alguém diferente dos demais e não apenas mais um naquela turma.

Para tanto, é essencial que o aluno seja chamado e identificado pelo seu nome, que o professor dê ouvidos ao que ele tem para lhe dizer - se uma criança for ignorada ou cortada enquanto tenta dizer algo, mesmo que não seja pertinente ao tema discutido naquele momento, ele pode tornar-se um adolescente e posteriormente um adulto que tem medo e dificuldade em se expressar - se posicionar durante uma conversa com olho no olho para que o mesmo se perceba como pertencente de um grupo mas também como um ser individual com todas as suas peculiaridades.

A segunda intervenção escolhida para ser analisada neste artigo foi uma aula ministrada com o tema “Música”. A aula foi dividida em dois dias para que pudéssemos obter um maior aproveitamento do conteúdo. O interesse por este tema surgiu a partir de observações dentro de sala e em conversa com algumas crianças foi possível perceber o interesse das crianças por músicas.

Na primeira aula levamos as crianças para a área externa a sala de aula. Trabalhamos com eles em uma parte do pátio da escola em que tem um espaço com gramado. Depois de toda a turma acomodar-se em círculo, deu-se início a aula. Foi perguntado às crianças o que era som e posterior a isso mostrou-se a eles que o nosso corpo produz sons diferentes e às vezes involuntariamente.

Em seguida, apresentou-se as sete notas musicais – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si e ao meio da roda foi colocado uma caixa com alguns instrumentos musicais de percussão permitindo que cada criança escolhesse um. Levei uma flauta transversal, permite que as crianças pegassem e logo após toquei para eles. Posterior a esta pequena apresentação tocamos os instrumentos todos juntos, cantando e treinando o ritmo.

Para a aplicação da segunda aula foi pedido para que as crianças trouxessem de casa materiais reciclados para a construção de instrumentos musicais, permitindo que as crianças participem de todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem e deixando que elas escolhessem o que gostariam de usar.

Iniciamos a aula perguntando para as crianças se elas se lembravam do que havíamos combinado de fazer naquele dia e todos lembravam com entusiasmo. Depois disso combinamos que ao final da produção iríamos fazer um show de talentos.

As crianças foram uma de cada vez buscar o material que haviam levado e aquelas que levaram mais de um material emprestou para os amigos que não haviam levado. Após isso fez-se um mesão com todas as crianças sentadas em volta e ao centro da mesa os materiais que seriam utilizados como tesoura, e.v.a., fita adesiva colorida e canetinhas.

Antes de começarmos a manipulação dos materiais pedi para que cada criança olhasse para seu material escolhido e compartilhasse com os colegas qual instrumento eles fariam sem imposição de que deveriam fazer esse ou aquele instrumento, possibilitando que as crianças fizessem uso de sua imaginação ao olhar para um recipiente de amaciante, por exemplo e pensar que seria possível fazer uma violão com aquele material.

Ao final da construção dos instrumentos fomos para o parque da escola e lá foi feito o “Show de Talentos do EI 5”. Todas as crianças se apresentaram, foram ouvidas e aplaudidas. Cada uma teve a oportunidade de escolher o que gostaria de fazer - cantar, dançar, tocar seu instrumento - respeitando seus gostos e desejos momentâneos para que mais uma vez pudessem ser vistas por si e pelos outros como diferentes despertando nas crianças a questão da importância do respeito pelo outro independente do que você gosta ou pensa.

Conclusões

Em virtude dos fatos mencionados e levando em consideração que a nossa questão norteadora é: “Como a afetividade pode ser trabalhada pelos professores em concomitância com suas intervenções pedagógicas e quais resultados que suas posturas podem produzir?”, pode-se concluir que a afetividade exerce papel fundamental nos resultados de ensino-aprendizagem.

O professor precisa conhecer os estágios de desenvolvimento para que saiba com propriedade o que e como trabalhar em cada período da educação infantil levando em conta que tudo o que o professor fizer dentro da sala de aula irá afetar o desenvolvimento da criança de alguma forma, seja ela positiva ou negativamente.

A criança pequena está em constante transformação e o professor como mediador do conhecimento, é indispensável que esteja atento a todas as mudanças ocorridas na criança como ser individual e na turma como coletivo para que por meio de suas intervenções pedagógicas, sempre intencionadas, as crianças possam ser conduzidas ao conhecimento do conteúdo científico mas que também por intermédio da sensibilidade do professor conhecendo as necessidades que sua turma enfrenta e aquilo que o mundo irá exigir deles lá fora possa instigar na criança desde cedo um pensamento crítico, possibilitando conhecer e lidar com as dificuldades e diferenças encontradas, trabalhar com valores, incentivar e respeitar.

Sabe-se o quanto é difícil para o professor olhar para seu aluno em sua totalidade quando ele teve uma educação tradicional, enrijecida e até

mesmo desumana, mas para que venhamos obter sucesso em nosso trabalho e fazer diferença na vida de nossas crianças, é indispensável refazer a rota, refletir sobre o tipo de ser humano que quer formar a partir disso ser o professor que você gostaria de ter tido.

Se trabalharmos com nossas crianças de maneira humanizada, respeitando ela em todos os seus aspectos, incentivando e produzindo nela um pensamento crítico, será mais difícil termos problemas com os adultos no futuro. Espera-se que o adolescente, aos 16 para 17 anos saiba qual curso irá fazer e que passe no vestibular, fazem pressão, colocam medo, insegurança, mas se esquecem de que para obter um resultado satisfatório para algum objetivo, espera-se que tenha muito tempo de preparo anteriormente.

Querer resultados não é o mais importante, claro que a nível social faz diferença e é o que dão mais valor, porém, nós como educadores e futuros educadores devemos ter como preocupação principal se o sujeito que nos propomos a formar está passando por essa transformação com êxito em seu aspecto físico, intelectual, psicológico e emocional.

Mediante as análises realizadas acima e dos estudos feitos a partir destas, pude compreender o quão precioso é o olhar atento do professor para com seus alunos e que tudo aquilo que ele fizer, de alguma forma, trará benefícios ou malefícios para seu aluno, refletindo talvez até sua vida adulta.

Referências

GALVÃO, IZABEL. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 7ª.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.(Educação e conhecimento). 134 p.

Mahoney, Abigail Alvarenga; Oliveira, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psic. da Ed., São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, p. 11-30. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a02.pdf. Acesso em: 16/09/2019

SEVERINO, **Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico.** 13. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986. 237 p.. ISBN 8524900504.

Wallon, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Edições 70, 1941-1995.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** São Paulo: Vozes, 2008.

WALLON, H. **Henri Wallon.** Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 134 p.: il. – (Coleção Educadores).